



As lutas dos índios, com toda liberdade de criação

MONICA FALCONE,
Correspondente

ROMA - Ao lado de Pato Donald, Mickey, Snoopy e das revistinhas eróticas para adultos, surgiram, esta semana, nas bancas de jornais italianas, novos heróis dos quadrinhos. São fortes, corajosos, justos, não violentos e suas aventuras contêm todos os ingredientes clássicos dos melhores faroestes: o riso, a ação, o suspense, batalhas e final feliz. Quando os revólveres disparam fazem "bang", os brancos morrem gritando "aahh", trespassados pelas flechas dos índios. Mas os heróis não se chamam Búfalo Bill, Zorro ou Roy Rogers. São padres jesuítas, missionários, que dedicaram a vida a evangelizar os índios do Brasil e do Paraguai, os peles vermelhas do Canadá ou os tibetanos e japoneses. Muitas vezes, defendendo-os contra os interesses dos colonizadores.

Um destes heróis em tiras desenhadas em branco e preto se chama José Anchieta. Sua história em São Paulo, na catequese dos tupi-guaranis, já está sendo objeto dos desenhos de Tullio Brunone, o cartunista convocado pela Companhia de Jesus para dar vida às aventuras dos mis-

MISSIONS Jesuítas nos gibis

Corajosos e não violentos, os missionários jesuítas vêm como heróis nos quadrinhos de uma nova revista italiana. Na aventura, evangelizar os índios do Brasil e Paraguai



Desenhos da revista 'Missions'. Característica: fidelidade histórica. Já o tacape disfarça a nudez

sionários dos séculos XVI, XVII e XVIII. A revista dos jesuítas chama-se "Missions", e tem sua inspiração no filme inglês "The Mission", interpretado por Robert de Niro e premiado no Festival de Cannes de 1986, como explicou ao GLOBO o padre Piero Vanetti, mentor intelectual dos quadrinhos. O padre Vanetti também é conhecido em Roma como "padre-Bíblia" por ser o idealizador da Bíblia em quadrinhos:

— Vi o filme três vezes e considero-o magnífico. O sucesso de "The Mission" me levou a pensar que era um ótimo tipo de linguagem para divulgar a história dos missionários jesuítas. São 400 anos de história cheia de heróis desconhecidos. Chamei profissionais do ramo, um ótimo desenhista, Tullio Brunone, e um roteirista, Remo Pizzardi, que até então trabalhavam em campo muito profano. Dou a eles muita liberdade de criação. Acho que cada um tem sua profissão: Eu só recebo a história quando está pronta, para me certificar que não há erros históricos ou iconográficos — disse.

"Missions" é mensal e custa o equivalente ao preço de um semanário de atualidade política, como "Veja" e "Isto é". O primeiro número é dedicado às aventuras de padre Roc-

co Gonzalez, catequizador dos índios guaycurus no Uruguai. Tem 160 páginas de desenhos muito bonitos e fiéis historicamente. As pinturas faciais dos índios, a exuberância da floresta tropical, as choupanas e os costumes foram inspirados em documentos excepcionais. São desenhos da época feitos pelos próprios padres missionários e fornecidos pelo Instituto Histórico da Companhia de Jesus.

Respeitando a verdade histórica, apesar da revista ser uma iniciativa dos padres, os índios aparecem nus durante quase todo primeiro número. Na capa a cores, em que três guaycurus arrastam uma mulher branca seminua, a nudez é menos radical graças a um tacape desenhado de modo estratégico. Mas, nas páginas de dentro, a nudez de homens e mulheres é total.

— Preferimos ser fiéis à história — explica padre Vanetti. Os guaycurus, no seu primeiro contato com os brancos, andavam nus. O tratamento que demos na revista é muito discreto e delicado. O nosso sistema de trabalho é muito simples: nós damos à editora livros assinalando os episódios que se prestam à espetacularidade dos quadrinhos. O roteirista então faz a história e o cartunista a

executa em desenhos.

A mulher branca que os guaycurus raptam no primeiro número de "Missions" é a filha do governador da colônia espanhola, em Assunção do Paraguai, em 1609. Para conseguir a sua libertação, o governador sugere mandar missionários jesuítas para negociar com a tribo. O Conselho dos colonizadores, no entanto, se opõe à idéia: "Os jesuítas enfiam más idéias na cabeça dos índios", argumentam. "Falamos de igualdade entre os homens e liberdade. É perigoso. Os jesuítas vão subverter a ordem, com danos graves para a economia da província."

A solução é mandar uma expedição de soldados e de caçadores de escravos. Dias depois, o rio traz de volta canoas com corpos mutilados dos homens da expedição. Como último recurso, o governador decide enviar os jesuítas. Mas o Superior, padre de Torres, pede em troca a liberdade dos índios da escravidão, chamada eufemisticamente "serviço pessoal", e a criação de "reduções", colônias de índios governadas diretamente pelos jesuítas.

Entra em cena, então, o herói da história: padre Rocco Gonzalez, jesuíta espanhol, acompanhado, como todos os heróis, de um menos herói-

co Sancho Pança, o padre Vicenzo Grifi. Os dois sobem o rio sozinhos e entram em contato com os índios quase como prisioneiros, apesar de terem levado machadinhas e instrumentos de ferro como presentes.

O primeiro contato com os guaycurus é chocante: ao chegarem na aldeia, os padres vêem a cabeça de um branco exposta no alto de um poste, quase como um espantalho. Padre Grifi fica horrorizado: "São cruéis, bárbaros, pior do que animais ferozes." Mas padre Rocco é mais tolerante: "Acredito que o fizeram para espantar os inimigos, não por desumanidade." E padre Rocco ajuda padre Grifi a superar a vergonha ao ver as índias completamente nuas: "Elas não têm malícia e nós as ensinaremos a se cobrirem."

Aos poucos, os jesuítas conquistam a confiança dos índios. A mudança definitiva se dá quando padre Rocco cuida da filha predileta do cacique, que adoecera gravemente. Ele não salva a menina, mas conquista-a completamente e lhe dá serenidade ao morrer, prometendo uma vida futura através do batismo. Como recompensa, o missionário pede a libertação da filha do governador.

A conversão dos guaycurus não é fácil. As vezes, a esperança dos jesuí-

tas vacila. Como após um rumoroso massacre, quando os índios levam para a aldeia os prisioneiros mais gordos, para serem assados e comidos por todos. Até aos missionários é oferecido um pedaço, com a maior boa vontade e inocência: "A carne humana é a melhor que tem. Experimenta e você vai me dar razão", diz o cacique.

Padre Rocco consegue, no final, ensinar à tribo o respeito pela vida humana, o catecismo e rudimentos de agricultura. O final feliz mostra que os missionários transformam aquele "povo de guerreiros e caçadores em pacíficos e trabalhadores criadores de animais". No último quadrinho, padre Rocco celebra o batismo do cacique. Adianta padre Vanetti:

— Padre Rocco Gonzalez vai voltar no terceiro número de "Missions", que vai contar a história da "redução" propriamente dita. O próximo herói será o padre Jean Brebeuf, entre os peles vermelhas do norte do Canadá. No quarto número, será a vez dos jesuítas no Tibete. No final de cada revistinha, publicamos oito páginas de fotografias dos locais mencionados e um resumo histórico escrito por um historiador especializado naquele período das missões.